

Dr. Jeffrey Hudon, Arqueologia Bíblica, Sessão 21, Um Arqueólogo Olha para o Reinado de Uzias

© 2024 Jeffrey Hudon e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Jeffrey Hudon em seu ensino sobre Arqueologia Bíblica. Esta é a sessão 21. Um arqueólogo observa o reinado de Uzias.

Às vezes, na arqueologia, você pode olhar para um texto bíblico um tanto obscuro e encontrar literalmente um tesouro de informações que você pode usar ao fazer escavações relacionadas a esse período de tempo. Quero dedicar algum tempo agora e fazer uma apresentação sobre um rei que é frequentemente esquecido no registro bíblico: o rei Uzias, de Judá. Novamente, durante o século VIII, este foi um século muito agitado, do qual falamos em outra palestra.

Mas vamos examinar mais profundamente o reinado de Uzias e ver se a arqueologia e o texto bíblico podem corresponder e nos contar mais sobre o seu reinado. Assim, os textos bíblicos nos contam que Uzias reinou por 52 anos, que foi o segundo reinado mais longo de um rei de Judá, e suas datas lá, segundo Thule, de 792 a 740 AC. Houve uma regência central com Amazias, seu pai, durante parte da primeira parte de seu reinado.

No entanto, Amazias foi refém em algum momento ou por algum tempo em Israel, então Uzias reinou com conselheiros desde muito jovem. O reinado de Uzias também foi paralelo ao rei contemporâneo do reino do norte, que foi Jeroboão II. Então, seus reinados novamente se igualaram quase da mesma forma.

Uzias reinou um pouco mais que Jeroboão II. O reinado de Uzias está registrado em duas fontes, como nos outros reis de Israel e Judá, e isso é 2 Reis 14 e, claro, Crônicas, que registra apenas os reis de Judá. Isso está em 2 Crônicas 26.

Os profetas que escreveram profetas que viveram durante o reinado de Uzias foram Oséias, Amós, Jonas e um profeta muito jovem chamado Isaías. Mais do que isso, Amós e Zacarias, um profeta muito posterior, registraram um terremoto durante o reinado de Uzias, ao qual também foi mencionado no capítulo 2 de Isaías. Este terremoto foi estudado e escrito extensivamente e foi encontrado, acreditamos, na Bíblia. ou no registro arqueológico de vários sítios, incluindo Gezer e Hazor. Para compreender o reinado de Uzias no registro arqueológico, devemos primeiro olhar para a história da investigação bíblica.

E o Livro das Crônicas, como mencionamos anteriormente em outra palestra, é uma obra muito tardia. Foi escrito no período persa, não antes do final do século VI, mais

provavelmente no século V aC. E assim, quando a ascensão do pensamento crítico ocorreu na civilização ocidental nos séculos XVII, XVIII e certamente no século XIX, temos dados históricos que são preservados em Crônicas, vistos com muito ceticismo, ou com muito ceticismo, devo dizer. .

E isso se deve à data tardia de Crônicas. Como pode um historiador que trabalha, digamos, no final ou início do século V, apenas para escolher uma data? Como ele conhece os dados históricos ocorridos 400 anos antes? E essa é uma pergunta justa. Ele tem que ter fontes.

Ele tem que ter fontes históricas. Assim, mencionamos que Reis e Crônicas são duas histórias paralelas da monarquia davídica. E se há dados, se há informação histórica em Crônicas que não está em Reis, então isso é visto com especial suspeita.

Agora temos vários reis que têm dados em Crônicas que não aparecem em Reis, no Livro dos Reis, vários reis de Judá. E Ezequias, novamente, você tem projetos defensivos e outros projetos reais que o cronista menciona, o Livro dos Reis não. Roboão, falamos sobre sua lista de cidades fortificadas em uma palestra diferente, que aparece em Crônicas, mas não em Reis.

O cativeiro de Manassas na Babilônia e posteriormente projetos de construção, novamente, apenas em Crônicas. E novamente, voltamos ao nosso assunto, que é o reinado de Uzias. Isso também fornece algumas informações narrativas de arquivo que faltam no relato paralelo em 2 Reis 15.

Então a questão é: será que esses dados que não estão em Reis, que o cronista, já que escreveu mais tarde, poderia ter copiado, onde o cronista conseguiu essa informação? O ceticismo aumentou durante o século XVII, especialmente por parte de estudiosos como Baruch de Spinoza, e novamente, que questionaram a autenticidade ou a autoria não apenas do Pentateuco, mas de livros como Crônicas, e especialmente durante a obra do século XIX de Wilhelm Martin Leberecht de Wette, e desenvolvido por Graf e, finalmente, por Julius Welhausen em seu famoso trabalho de 1883 sobre a história de Israel. E este ceticismo continuou no século XX e, obviamente, também no século XXI. Mas é importante também compreender que o exame crítico do Pentateuco durante o século XIX, a teoria da hipótese documental de quatro fontes, muito do trabalho preliminar destes primeiros estudiosos, principalmente alemães, mas mais tarde ingleses e de outras nacionalidades que trabalharam no hipótese documental, olharam para Crônicas e usaram Crônicas como uma espécie de caso de teste para argumentar seu ponto de vista de que como pode alguém que vive há tanto tempo, afastado dos eventos, escrever informações tão detalhadas sobre eventos trezentos ou quatrocentos anos antes.

Assim, Crônicas foi atacado desde o início, quando o Pentateuco também foi analisado criticamente. Crônicas é um documento historicamente confiável; os

alemães Martin Noth e Peter Velten, ambos alemães e ambos, trabalharam em Crônicas. Nada, embora criticasse a historicidade das Crônicas, não estava completamente desligado da ideia de que o cronista tinha informações históricas.

E ele acreditava que havia casos em que o livro de Crônicas continha informações históricas que não apareciam em Reis. Velten era muito mais cético e seu trabalho em Crônicas era muito mais negativo no aspecto da historicidade. Temos também Hugh Williamson, um estudioso britânico ainda ativo, e o falecido Anson Rainey que também escreveu sobre Crônicas e usou, ao contrário de Velten e Noth, evidências arqueológicas, mas num sentido muito mais limitado.

Rainey e Williamson, um uso muito mais liberal da arqueologia, argumentaram, os dois últimos, Williamson e Rainey, que o cronista usou fontes de arquivo do período da monarquia. Assim, essas expansões sobre Reis, essas informações adicionais, não há razão para acreditar que não possam ser históricas. Era preciso procurar confirmação externa no registro arqueológico.

Mas certamente deixaram essa opção como uma opção viável que era histórica. Mais recentemente, recebemos um desafio de Israel Finkelstein, entre outros, que argumenta que o trabalho das Crônicas o data depois do período persa, e não do período hasmoneu, do final do segundo ao início do primeiro século aC, extremamente tardio, e declara é essencialmente historicamente inútil. Finkelstein, mais uma vez, segue os passos destes primeiros estudiosos críticos que escreveram muito antes.

Temos, portanto, diante de nós um excelente caso de teste para examinar a evidência arqueológica e o texto bíblico de Crônicas a respeito de Uzias e ver se pode haver uma correlação entre estas duas linhas de evidência e se elas realmente convergem. Agora, a hegemonia de Uzias sobre Eilat, isto é, novamente, aquele porto do Mar Vermelho no Golfo de Eilat, Golfo de Aqaba, é mencionado tanto em 2 Crônicas 26:2 quanto em 2 Reis 14. Já falamos sobre Eilat possivelmente sendo identificada com colaxita em Tell el-Khalifeh.

Há evidências ocupacionais do século VIII, evidências ocupacionais claras do século VIII, que correspondem a um local mais ao norte chamado Tamar, Ein Hatziva. A hegemonia sobre Eilat, é claro, permitiria a Uzias o acesso ao comércio e a um porto no Mar Vermelho. Visto que é mencionado tanto no Livro dos Reis quanto no Livro das Crônicas, Rainey sugeriu que este foi o ponto alto do reinado de Uzias.

Esta foi a maior conquista que ele conseguiu romper a fortaleza edomita aqui e realmente abrir um porto no Mar Vermelho, como seus antepassados haviam feito, Josafá e depois Salomão antes dele. Assim, criar ou estabelecer uma presença fortificada no Golfo de Eilat foi realmente o ponto alto do reinado de Uzias. E todo o resto era secundário.

Essa é a interpretação que Rainey usa para essas duas grandes obras históricas. Agora sabemos que temos uma correlação muito estreita com os estilos de construção de outro forte ao norte de Eilat, Tell el-Khalifeh. Esse é um lugar chamado Tamar, identificado como Tamar.

Na verdade, é Ein Hatziva. É um nome árabe moderno. E isso fica logo ao sul do Mar Morto, novamente no Aravah.

Possui sistema de portões semelhante, construção semelhante e um forte muito grande, quase do tamanho de uma cidade. Essa provavelmente era uma área de concentração judaíta, sob o comando de Amazias ou mais tarde controlada por Uzias. O facto de as técnicas de construção se aproximarem muito do local de Tell el-Khalifeh, a sul, parece apontar para um construtor comum.

E esse seria Amazias e, no caso de Khalifeh, Uzias. Outro site entre eles, Yotvata, foi publicado recentemente. Essa era uma fonte de água.

Mas, infelizmente, não houve nenhuma evidência de qualquer tipo da Idade do Ferro IIB descoberta no local, embora certamente tenha sido usada e utilizada durante o século VIII na estrada entre esses dois fortes. A oeste, temos o sítio de Cades-Barnéia, ou Ein Kades. E falamos sobre esse site durante a palestra sobre o Êxodo do Egito.

Este local foi escavado na década de 1970 por Rudolf Cohen e antes disso por Dotan em 1956. Era uma enorme fortaleza quadrada com torres de canto, novamente datada do século VIII. De acordo com a cerâmica, este parece ser um forte fronteiro ou uma proteção das rotas comerciais construídas durante, presumimos, o reinado de Uzias.

Em Crônicas, Uzias também se expandiu para o oeste, para a Filístia. Mais uma vez, temos de fazer constantemente a pergunta: se isto foi escrito no período persa ou helenístico, como é que eles sabiam a importância disso e se todas estas entidades e sistemas políticos sequer existiram? Bem, se olharmos para o mapa geopolítico destes dois reinos, Israel ao norte e Judá ao sul, eles são aliados. Eles são aliados nessa empreitada.

Portanto, Judá só pode realmente se expandir de três maneiras: para o oeste, para o sul, o que eles fizeram, para a Filístia até Eilat, e também para o leste. Eu diria, também, que Judá se expandiu para o planalto central da Jordânia ou para a costa bíblica de Hami, de acordo com 2 Crônicas 26 e 27. Este mapa não mostra essa expansão, mas eles podem expandir-se para norte porque esse é território israelita.

Então, eles expandem onde podem. E assim o texto hebraico diz, ele saiu e guerreou contra os filisteus e rompeu ou derrubou os muros de Gate, os muros de Yavneh e o muro de Asdode. E ele construiu cidades, Arim, no território de Asdode e dentro ou entre os filisteus.

Tão extensas evidências que foram observadas em vários relatórios da Sefelá e do Negev e até mesmo da planície costeira mostram um Judá forte e ressurgente movendo-se, expandindo-se para o oeste, construindo cidades, reparando cidades, reconstruindo cidades e fortificando-as durante este século VIII. período.

Novamente, a Idade do Ferro 2B. Agora, até agora, muito desse trabalho foi atribuído a Ezequias, que foi outro rei forte de Judá no final do século VIII.

Mas em algumas dessas obras, Ezequias teve um reinado muito mais curto do que Uzias. Parte desse trabalho, alguns desses programas de construção e esforços de fortificação tiveram que ter ocorrido antes. E isso teria sido durante o reinado de Uzias.

O objetivo de Uzias a oeste era reafirmar a presença judaíta, não apenas ao longo do Golfo de Aqaba, o porto do Mar Vermelho, mas também ao longo da costa, e pelo menos controlar parte daquela importante rodovia do Egito à Mesopotâmia, a Rodovia Costeira Internacional, ou frequentemente chamada de Via Maris. A descrição de Crônicas da campanha filisteu de Uzias também fornece um raro registro de campanha de uma rota, uma rota de campanha seguida pelo exército de Judá. Então, vamos dar uma olhada nesses três sites, começando com Yavneh.

Yavneh é um monte, bem perto de Tel Aviv. E não foi muito escavado. Houve sondagens no site.

Mas perto do local, num morro adjacente menor, foi encontrada, por acidente, uma favisa. Este é um poço de repositório com móveis ou artefatos do templo, vasos, que são cerimonialmente enterrados e destruídos, é claro, destruídos cerimonialmente após seu uso. E assim, o arqueólogo israelense, Yav, desculpe-me, Raz Kletter, escavou isso como uma escavação de resgate de emergência e publicou dois volumes muito bem escritos sobre o que encontrou.

Ora, esta favisa implica obviamente a existência de um templo. E a data é final do século IX, início do século VIII. E muitas influências filisteus, mas também influências judaítas, o que parece indicar que este templo existia pouco antes ou muito cedo no reinado de Uzias, o mais tardar.

O que isso nos diz não está muito claro. Infelizmente, o local ainda não foi extensivamente escavado. Houve trabalho lá, mas não trabalho em grande escala.

E então, Yavne, por enquanto, ainda é um site meio neutro. Na verdade, não temos dados claros sobre qualquer tipo de destruição causada por Uzias no início do século VIII. O segundo local é Tel es-Safi, identificado por quase todos os estudiosos como Gate dos Filisteus.

É um site muito proeminente. Já falamos sobre isso diversas vezes em nossas diversas apresentações de slides aqui ou em palestras em PowerPoint. E foi destruído muito claramente no final, diríamos, no final do terceiro e início do quarto quarto do século IX, por Hazael de Aram Damasco.

Isso é mencionado. Isso está registrado em 2 Reis. Agora, em meados do século VIII, bem no final do reinado de Uzias, temos um grande assentamento de 60 acres com uma clara cultura material judaica sendo erguida no local.

E, mas não há evidência de uma camada de destruição antes desse local. Foi construído sobre as ruínas da cidade destruída por Hazael. Então ficamos com uma pergunta.

Havia uma cidade em Gate para Uzias destruir? E de acordo com esta arqueologia, não parece haver muito lá antes deste assentamento judaico surgir em 750. Agora isso, mais uma vez, prova que Uzias construiu o assentamento, mas ele destruiu alguma coisa antes de fazer isso? Talvez a resposta esteja no nome. Gath é um nome muito comum, que significa prensa ou prensa de azeite.

E há muitos Gates no mapa do Levante Meridional. E há outro local, Gath-Gitayim, identificado com um lugar chamado Tel Ras Abu Hamid, a noroeste de Safi. Este também pode ser um candidato ao Gate de Uzias e exibe evidências ocupacionais do início do século VIII.

Novamente, infelizmente, esse site não foi totalmente publicado. Tem relatórios preliminares, e continuo conversando com o escavador, e toda vez que o vejo, ele diz, sinto muito, ainda não publiquei meu relatório sobre Abu Hamid, mas estou trabalhando nisso. Então, esperançosamente, isso aparecerá.

Portanto, Yavneh não foi realmente escavada a ponto de podermos determinar se houve uma camada de destruição do início do século VIII. Gate dos Filisteus, Tel es-Safi, até o momento não há evidências de uma camada de destruição do início do século VIII. No entanto, houve ocupação judaíta durante o reinado de Uzias.

Então, ficamos com outro Gate, talvez o Gate-Gitayim, e esse pode ser o Gate que Uzias realmente atacou. Finalmente, temos Ashdod. E Ashdod foi uma das cinco principais cidades filisteias, como já discutimos antes.

Mas tem aqui várias características que é muito importante destacar. Em primeiro lugar, há um grande portão de seis câmaras que se assemelha a portões semelhantes em Israel e Judá. Durante o reinado de Salomão, esses portões foram encontrados em Hazor, Megido e Gezer. Então, você tem um portão aqui que é muito parecido com esse.

Há também outro portão em Tel Irah, um local no Negev, que também é um local do século VIII com um portão semelhante. Assim, o escavador, Moshe Dothan, atribuiu a destruição deste portão a Uzias porque leu a sua Bíblia e sabia que Asdode tinha sido destruída por Uzias, ou pelo menos parte dela. Mas estudos recentes contestam isso.

Parece que Uzias realmente ergueu este portão depois de ocupar a cidade, que é claramente um portão de estilo judaico. Mais do que isso, uma alça estampada em lameleque e inscrições em hebraico também podem sugerir o controle judaico. Agora, na base fora da cidade, área extramuros, escavações de salvamento revelaram uma estrutura administrativa assíria.

E tivemos slides mostrando isso também, com duas camadas destrutivas do século VIII abaixo delas. Agora, sabemos que Sargão destruiu Ashdod no final do século VIII. Há também uma camada de destruição abaixo desta que também é do século VIII.

Acredito que aquela camada de destruição anterior do século VIII é a nossa prova de que Uzias destruiu a cidade. Mesmo estando fora da cidade, foi destruído. E essa, acredito, é a nossa arma fumegante para Ashdod.

Infelizmente, Ashdod não foi escavado adequadamente. Foi mal escavado. Foi quase inteiramente publicado, mas as publicações não podem fazer muito para corrigir os erros na área.

Então, esperançosamente, em algum momento, haverá futuras escavações lá, e poderemos encontrar uma estratificação adequada e encontrar aquela segunda camada destrutiva do século VIII dentro e fora da cidade. Agora, diz que Uzias também criou cidades, Arem, e assentamentos nas proximidades de Asdode e na Filístia. E assim, um levantamento arqueológico daquela região mostrou evidências ocupacionais do século VIII em Yavne Yam, Rishon Litzion, Metzad HaShav Yahu, Holot Yavne, Telmor e outros locais mais ao sul, em direção a Ashkelon e Gaza.

Portanto, esses locais, esses novos locais que foram pesquisados e parcialmente escavados, podem ter servido a Uzias como novos assentamentos judaicos ao redor da Filístia e perto de Asdode. Além disso, o texto de Crônicas nos versículos 7 e 8 diz que Deus o ajudou contra os filisteus e os árabes que viviam em Gebal e contra os maunitas. Os amonitas também prestaram homenagem a Uzias.

Os Maunitas são desconhecidos fora do texto bíblico. Eles permaneceram desconhecidos até, creio, em 1970, quando Chaim Tadmor leu seu nome nos anais de Tiglath-Pileser III. Eles eram um grupo beduíno ou grupo árabe contra o qual os assírios lutaram.

Novamente, um rei assírio do século VIII, do final do século VIII. Evidências de Tal Jalul perto de Madaba, Jordânia, onde a Universidade Andrews foi escavada, também parecem indicar a influência judaíta durante o século VIII por causa de inscrições e um cabo de pithos de círculo concêntrico. Também menciona que, "... e ele construiu migdalim b'amidbar, torres no deserto, e ele construiu ou cortou borot, cisternas, rabbim, muitos." Assim, Uzias tentou estabelecer-se e cultivar parte do deserto da Judéia, o deserto da Judéia, por assim dizer, a leste de Jerusalém.

No século VIII, temos vários assentamentos fortificados e assentamentos de tipo paramilitar com evidências de irrigação, tentativas de irrigação em vários locais no deserto da Judéia, notadamente Qumran, onde os Manuscritos do Mar Morto foram encontrados, e nas proximidades de Ein Gedi, três locais no Vale do Acre e um local mais ao sul chamado Metsad G ozal. Portanto, embora o texto bíblico em Crônicas diga claramente que o deserto de Judá, no Midbar, se refere ao leste de Jerusalém, muitos estudiosos têm visto os assentamentos do Negev ou as terras altas do Negev como mencionados aqui, em vez do deserto de Judá, que é novamente um erro. Então diz: "...e seu nome", literalmente seu nome, que presumimos que poderíamos traduzir fama, conhecimento de seu nome, "...espalhou-se até a fronteira do Egito, pois ele se tornou muito forte." Acredito que esta citação do cronista se refere ao nosso site de Kuntillet Ajrud, do qual falamos anteriormente.

E este é aquele forte isolado no leste do Sinai com, lembre-se, cerâmica israelita e cerâmica judaíta. E poderia ter havido uma ocupação conjunta aqui na fronteira do Egito. E isso é, novamente, uma compreensão arqueológica desta citação que diz que o nome de Uzias se espalhou até as fronteiras do Egito.

Ele era conhecido lá na fronteira. Portanto, a maioria dos estudiosos acredita que Kuntillet Ajrud era um local simples e religioso para onde as pessoas viajavam como peregrinos, para fazer uma peregrinação por algum motivo, por causa desses epitáfios ou orações escritas nos potes de armazenamento dentro do portão. Isso, acredito, está totalmente errado.

Acredito que este era na verdade um local fronteiro, um entreposto comercial e uma estação intermediária ao longo das rotas de caravanas entre os Hajjahs e o Mediterrâneo. Não era um local de peregrinação religiosa. Então, você vê aqui o título do relatório final.

O que isso diz? Um local religioso da Idade do Ferro II na fronteira do Sinai com a Judéia, o que considero errado. Este era claramente um local de fronteira

geopolítica. Não faz sentido aqui que você queira fazer uma peregrinação e adorar aqui.

Eram apenas alguns soldados escrevendo ou inscrevendo orações em potes de armazenamento. Isso é tudo. Ok, Jerusalém.

Uzias também fez obras em Jerusalém. Ele construiu torres em Jerusalém. Migdalim de Yerushalayim.

No portão da esquina, Al-Sha'ar Hapinah. E no portão do vale e no ângulo, Mitzoah, e os fortificou. Assim, ele fortificou Jerusalém e possivelmente completou a reconstrução do muro que foi derrubado durante o reinado de seu pai.

Mais uma vez, a arqueologia apareceu e nos deu algumas pistas. Charles Warren, Kathleen Kenyon e finalmente Eilat Mazar escavaram uma torre. Cada um deles escavou parte dela.

Um portal real ao longo de uma muralha inclinada de Ofel aqui entre a cidade de Davi e o Monte do Templo. E a localização do portão do vale e do portão do canto é incerta. E pode novamente refletir uma expansão anterior do muro na colina ocidental ou pode ser parte das defesas originais que cercam a cidade de David.

Simplesmente não sabemos no momento. Esperançosamente, isso será descoberto em algum momento no futuro. Mas o portão da esquina parece ser, ou desculpe-me, o único portão aqui ao longo do Ofel parece ser obra de Uzias.

Há outra foto disso. Isto é dos desenhos de Charles Warren e complementado pelo trabalho de Eilat Mazar. E aqui está uma representação artística de como era aquele portão ao longo da esquina do Ophel que levava ao Monte do Templo.

Novamente, o trabalho é provavelmente de Uzias. Ao sul de Jerusalém, temos o sítio de Ramat Rachel. Este foi novamente escavado várias vezes por Benjamin Mazar e depois por Aharoni, escavações mais extensas e, mais recentemente, por Lipschitz e seus colegas.

E também é notado que no final de seu reinado, Uzias contraiu algum tipo de doença de pele por causa do pecado de tentar oferecer incenso no templo. E então, ele teve que ficar em quarentena. Ele teve que ser separado porque tinha algo parecido com lepra, provavelmente algo diferente, mas com uma condição semelhante.

Então, eles construíram para ele uma casa separada. É intitulado literalmente Casa da Liberdade, o que provavelmente é um eufemismo, na verdade o oposto. E então ele não estava no palácio.

Ele teve que ser alojado em outro lugar. E Ramat Rachel teria sido um local ideal, que é um palácio da Judéia entre Belém e Jerusalém. E olhando com belas vistas para o oeste, o curso superior do Vale Rephaim, e você sente uma brisa agradável da costa até aquele vale.

Naturalmente, há também uma bela vista para o oeste ou para o leste, sobre o deserto da Judéia até a fenda. Portanto, isto foi identificado como Beit Hakerem, o que considero correto, a Casa da Vinha. Novamente, Uzias era um homem da terra, então havia extensos terraços ao redor de Ramat Rachel, o que poderia ter sido feito pelas mãos reais para a propriedade real que cercava o local.

E novamente, bem no início do nosso curso, falamos sobre a lápide de Uzias que foi redescoberta e publicada em 1931, novamente mostrando que seu túmulo, novamente enterrado separadamente dos outros reis, teve que ser movido em algum momento na virada da era, Século I AC, século I DC e enterrado novamente. Portanto, nossas conclusões são assim. A preponderância de evidências de fontes escritas e arqueológicas apóia um contexto geopolítico do século VIII para o relato de Uzias em Crônicas.

A referência das Crônicas aos filisteus, amonitas, edomitas e especialmente aos metunitas refletem a política bem documentada do século VIII. Da mesma forma, as menções de Crônicas a locais como Gerbal, Eilat, Gate, Ashdod e Yavne não são necessariamente atestadas durante o período persa tardio ou helenístico. Então, a pessoa que criou isso teria que conhecer bastante a topografia do século VIII para escrevê-lo corretamente.

A rápida intensificação e expansão do assentamento judaico na região montanhosa, na Sefelá ocidental, no deserto de Judá, no Negev e em Eilat ocorre ao longo do século VIII, não apenas durante o reinado de Ezequias. A evidência da destruição de um portão salomônico de seis câmaras em Ashdod e do assentamento judaico em Tel es-Safi, bem como de outros locais na planície costeira, fornece evidências para 2 Crônicas 26. A expansão contínua de Jerusalém para o norte e oeste, abrangendo o colina ocidental e evidências de muros e portões que podem representar aqueles mencionados em 2 Crônicas 26:9, atestam novamente a historicidade do texto.

Manobras geopolíticas conjuntas com o Reino de Israel em Kuntillet Ajrud, ou Horvat Timan, de mesmo nome, ao longo da fronteira do Egito, e evidências da influência judaíta em Tel Jalul, no planalto da Jordânia central, testemunham novamente a narrativa das Crônicas. Consequentemente, não há essencialmente nenhuma base para a opinião de que o cronista inventou este relato usando um ambiente ou modelo do período tardio persa ou helenístico. Em vez disso, Crônicas acessou claramente, mas utilizou seletivamente fontes de arquivo do período da monarquia para escrever sua história de Judá.

E posso salientar, por último, que Israel Finkelstein não utiliza os Meunitas no seu artigo que argumenta contra a historicidade do local porque não o utiliza porque prova que está errado. Não há como alguém tão tarde saber sobre os Meunitas, que só são conhecidos pelas inscrições de Tiglate-Pileser no século VIII. Acredito que só isso mostra a historicidade deste texto, bem como da arqueologia.

Obrigado.

Este é o Dr. Jeffrey Hudon em seu ensino sobre Arqueologia Bíblica. Esta é a sessão 21. Um arqueólogo observa o reinado de Uzias.